**COLONIALIDADE E UNIVERSIDADE: UMA ABORDAGEM QUALI-QUANTITATIVA EM DIREÇÃO À PLURIVERSIDADE TRANSMODERNA**

**Livisthon Luiz Montes Garcia da Silva**

**Resumo**: O presente artigo trabalha com a tese de que o Racismo Institucional é constitutivo da Universidade como hoje a concebemos, enquanto instituição ocidentalizada. Desse modo, tal Racismo Epistêmico atribui diferentes graus de importância entre autores “canônicos” e decoloniais. Assim, tal discrepância na atribuição de relevância pode ser constatada nos marcadores quantitativos de distinção acadêmica. A seção qualitativa do presente trabalho visa elucidar temas e conceitos caros ao pensamento decolonial. A seção quantitativa, por sua vez, lança mão de análises estatísticas oferecidas pela plataforma Google Acadêmico, a saber, quantidade total de resultados de/sobre cada autor, seu número total de citações, Índices H e i10, a fim de investigar a tese da discrepância. Por fim, discute-se os resultados e possíveis alternativas à luz do pensamento decolonial-libertário.

 Dentre os anos de 2016 e 2022 estive em formação como psicólogo na Universidade Federal Fluminense (UFF). Tendo a ventura de fazer parte de uma instituição extremamente politizada, pude entrar em contato pela primeira vez com a temática decolonial, especialmente voltada às problemáticas do campo Psi. Nesse percurso, pude beneficiar-me dos conhecimentos compartilhados por docentes, dos quais destaco especialmente o Prof. Dr. Abrahão Oliveira Santos que, por sua vez, é uma referência no que se propõe a fazer - isto é, uma decolonização da Psicologia.

Atualmente, seguindo o fio da minha área de graduação, sou mestrando em Filosofia da Mente (ou da Cognição), pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF - UFRJ) . A adesão a tal campo de pesquisa não significou, no entanto, um afastamento das temáticas decoloniais. Antes, temos buscado romper com as categorias eurocentradas e, consequentemente, com os problemas daí provenientes; ou seja, buscamos pensar uma decolonização da Filosofia da Mente, donde advém a procura por paradigmas não-eurocêntricos (originários da Ásia, África, etc) acerca da Corporeidade e sua relação com processos cognitivos, com vistas à (dis)solução do famigerado e persistente “problema mente-corpo”.

Desse modo, o pensamento decolonial representa para nós tanto um modo de ser, perceber e fazer o Mundo quanto uma ferramenta heurística, cuja potência consiste em abrir horizontes de compreensão outrora obstruídos pela colonialidade do saber. Em outras palavras, estamos em busca de uma Pluriversidade calcada no espírito da Transmodernidade.